

Currículo, trabalho e inteligência artificial: desafios tecnológicos e psicossociais na educação profissional

Professional education curriculum in the age of artificial intelligence: technological and psychosocial perspectives

Currículo de la educación profesional en la era de la inteligencia artificial: perspectivas tecnológicas y psicossociales

José Elinaldo Silva Santos¹

Lara Bernardino da Silva²

Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares³

Resumo: Este artigo analisa as transformações na dinâmica do currículo da Educação Profissional (EP) diante do avanço tecnológico e da ascensão da Inteligência Artificial (IA). A problemática central consiste em compreender como a IA e a automação impactam a identidade profissional, as relações sociais e a percepção de utilidade social no contexto formativo. O objetivo geral é analisar as mudanças no currículo da Educação Profissional provocadas pelo arcabouço tecnológico e pela incorporação da IA, destacando a necessidade de desenvolver habilidades técnicas, cognitivas e socioemocionais, bem como de promover a interação social e o engajamento dos estudantes. O estudo evidencia que o currículo do futuro deve articular competências humanas essenciais com o uso estratégico da tecnologia, garantindo uma formação integral e adaptativa aos desafios do mundo do trabalho.

Palavras-chave: Currículo; Inteligência artificial; Educação profissional.

Abstract: This article analyzes the transformations in the dynamics of the Professional Education curriculum in response to technological advances and the rise of Artificial Intelligence (AI). The central issue is to understand how AI and automation affect professional identity, social relationships, and the perception of social utility within the curriculum. The general objective is to examine the changes in the Professional Education curriculum driven by technological developments and AI integration, highlighting the need to develop technical, cognitive, and socio-emotional skills while promoting social interaction and student engagement. The study shows that the future curriculum should integrate essential human competencies with the strategic use of technology, ensuring comprehensive and adaptive training for the challenges of the modern workforce.

Keywords: Curriculum; Artificial intelligence; Professional education.

Resumen: Este artículo analiza las transformaciones en la dinámica del currículo de la Educación Profesional ante los avances tecnológicos y el auge de la Inteligencia Artificial (IA). La cuestión central consiste en comprender cómo la IA y la automatización afectan la identidad profesional, las relaciones sociales y la percepción de utilidad social dentro del currículo. El objetivo general es examinar los cambios en el currículo de la Educación Profesional impulsados por el desarrollo tecnológico y la integración de la IA, destacando la necesidad de desarrollar competencias técnicas, cognitivas y socioemocionales, así como de promover la interacción social y el compromiso estudiantil. El estudio evidencia que el currículo del futuro debe integrar competencias humanas esenciales con el uso estratégico de la tecnología, garantizando una formación integral y adaptativa frente a los desafíos del mundo laboral moderno.

Palabras clave: Currículo; Inteligencia artificial; Educación profesional.

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

² Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

³ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Introdução

As profundas transformações no mundo do trabalho, impulsionadas pelo avanço tecnológico, têm remodelado a dinâmica profissional e redefinido a relação do indivíduo com sua atividade laboral. A ascensão da automação, da robótica e da inteligência artificial (IA) não apenas otimiza processos e aumenta a produtividade, mas também força o indivíduo a questionar a própria essência do que significa trabalhar, impactando diretamente a identidade profissional e a percepção de utilidade social. Essas mudanças repercutem na formação para o trabalho e, conseqüentemente, nas concepções que orientam o currículo da Educação Profissional (EP), exigindo que ele se adapte às novas configurações sociais, culturais e tecnológicas.

A identidade profissional, outrora construída sobre a base de habilidades técnicas e conhecimento específico, enfrenta uma crise de significado. Nesse aspecto, Castells (2010), ao discutir a sociedade em rede, assevera que esta é caracterizada pela fluidez e pela constante mutação, desvinculando o trabalho de um lugar fixo e de uma rotina predeterminada. No limiar dessa questão, as novas tecnologias permitem a descentralização da produção e o surgimento de novas formas de organização do trabalho flexibilizadas, como o *home office* e a economia de bicos (*gig economy*). Essa flexibilização, embora possa oferecer maior autonomia, também torna a identidade profissional mais instável, já que a lealdade a uma empresa ou a uma carreira linear é substituída por um portfólio de projetos e competências em constante atualização.

Nesse cenário, o avanço da IA e da automação levanta a questão de o que distingue o ser humano das máquinas. Se tarefas repetitivas e cognitivas podem ser executadas por algoritmos, o valor humano se desloca para as habilidades que a IA ainda não consegue replicar facilmente: a criatividade, a empatia, o pensamento crítico e a capacidade de resolver problemas complexos. No campo curricular, tais transformações exigem repensar os objetivos formativos da Educação Profissional, de modo a priorizar o desenvolvimento dessas habilidades humanas e éticas, fundamentais para a convivência social e para a atuação em contextos de incerteza.

Harari (2018) argumenta que a automação não se limita a substituir trabalhadores em tarefas braçais, mas também em funções que exigem inteligência, como diagnósticos médicos e análises financeiras, havendo a necessidade de se reinventar e de adquirir novas competências ao longo da vida. Esse processo contínuo de adaptação coloca em evidência o papel do currículo como mediador entre as demandas do mundo do trabalho e o desenvolvimento humano integral.

A formação profissional, portanto, precisa ser pensada não apenas em termos de competências técnicas, mas também em relação à construção da identidade e da utilidade social do sujeito.

Nesse sentido, a Inteligência Artificial vem sendo discutida não apenas como inovação tecnológica, mas como fenômeno social e ético que transforma profundamente as práticas educativas. Como aponta Costa *et al.* (2024), a incorporação da IA na educação demanda novas competências digitais e uma reflexão ética sobre o papel do humano no processo de ensino-aprendizagem.

A partir dessa compreensão ampliada, as transformações no trabalho e na Educação Profissional podem ser analisadas sob a perspectiva da Psicologia Social, campo que investiga como as mudanças estruturais e tecnológicas afetam a identidade, as relações interpessoais e os vínculos coletivos. Assim, compreender os impactos da IA implica considerar não apenas a dimensão técnica, mas também as formas de interação e pertencimento que sustentam a vida em sociedade e se expressam nas práticas curriculares. Nessa perspectiva, o currículo da EP é entendido como um espaço de formação integral, no qual se articulam dimensões técnicas, éticas e psicossociais.

Diante desse contexto, o presente estudo tem como objetivo geral analisar as mudanças na dinâmica do currículo para a EP diante do avanço das tecnologias e da inteligência artificial, considerando seus impactos sobre a formação de competências técnicas, a identidade e a utilidade social do trabalho humano. Como problemática, questiona-se: como o currículo da EP tem respondido às transformações provocadas pela automação e pelas inteligências artificiais, especialmente no que se refere à formação de competências técnicas e à preservação da identidade e da utilidade social do trabalho humano? A análise proposta parte de uma perspectiva interdisciplinar, articulando os fundamentos da teoria curricular com aportes da Psicologia Social, a fim de compreender como as transformações tecnológicas impactam a subjetividade e as relações humanas no contexto da Educação Profissional.

A seguir, apresenta-se o referencial teórico, onde discute-se a evolução histórica do currículo e as novas demandas impostas pela tecnologia; na terceira seção, os resultados e discussões exploram a integração da IA no currículo e suas implicações psicossociais; por fim, as considerações finais sintetizam os achados, destacando o papel da IA como complemento à formação humana e a necessidade de equilibrar tecnologia, habilidades técnicas e relações sociais.

Aspectos metodológicos

Este estudo configura-se como uma pesquisa qualitativa, de natureza exploratória e bibliográfica. A abordagem qualitativa, conforme Minayo (2001, p. 21), “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”, mostrando-se adequada para analisar os impactos da automação e da Inteligência Artificial sobre a identidade profissional e sobre a organização curricular da EP.

A pesquisa bibliográfica envolveu o levantamento, seleção e análise crítica de livros, artigos científicos e demais produções acadêmicas relacionadas ao campo da tecnologia, currículo, Educação Profissional e Psicologia Social, além de referenciais críticos que abordam as inter-relações entre tecnologia, sociedade e educação. Também foram contemplados estudos recentes que discutem as implicações da IA na formação e no trabalho docente.

O procedimento metodológico consistiu na articulação teórico-crítica entre as contribuições da teoria curricular, da Psicologia Social e dos estudos sobre tecnologia e trabalho, buscando compreender como esses campos dialogam na contemporaneidade. Essa integração permitiu desenvolver uma reflexão analítica acerca das transformações na dinâmica curricular da EP e de seus desdobramentos éticos, sociais e identitários.

A crise do conhecimento estático e o novo currículo para a educação profissional

O modelo de currículo tradicional, baseado na memorização e na repetição de fatos, está se tornando obsoleto frente às transformações tecnológicas e sociais. Castells (2010), ao descrever a sociedade em rede, já apontava para a fluidez do conhecimento na Era da Informação. Contudo, se o acesso à informação é instantâneo e onipresente, o valor da educação não reside mais na posse de dados, mas na capacidade de interpretá-los, analisá-los e aplicá-los de forma criativa. A Inteligência Artificial, ao assumir a tarefa de processamento de informações, libera o ser humano para se concentrar em habilidades que ela ainda não domina, como criatividade, empatia, pensamento crítico e resolução de problemas complexos.

Zuboff (2020) argumenta que a nova ordem do capitalismo de vigilância redefine o valor humano em termos de dados comportamentais. Nesse contexto, a Educação Profissional precisa ir além do treinamento técnico e focar no desenvolvimento do pensamento crítico e da autonomia. O currículo deve ser um antídoto contra a passividade, incentivando os estudantes

a questionarem e a compreenderem as implicações éticas e sociais do uso da tecnologia, em vez de se tornarem meros apêndices de algoritmos.

Em uma interpretação do pensamento de Sacristán (2013), o conceito de currículo pode ser entendido como a totalidade de um percurso formativo, análogo a uma carreira. Ele não se limita apenas aos conteúdos ensinados, mas também à organização desses conteúdos, que são estruturados em uma sequência lógica com pré-requisitos, a fim de guiar o processo de aprendizado do estudante. Em suas palavras,

o conceito de currículo, desde seu uso inicial, representa a expressão e a proposta da organização dos segmentos e fragmentos dos conteúdos que o compõem; é uma espécie de ordenação ou partitura que articula os episódios das ações, sem a qual esses ficariam desordenados, isolados entre si ou simplesmente justapostos, provocando uma aprendizagem fragmentada (Sacristán, 2013, p. 17).

Assim, o currículo serve tanto para organizar os conteúdos quanto para unificar o processo de ensino e aprendizagem. Contudo, para organizar o currículo é preciso compreender que as disciplinas têm seus saberes específicos, com componentes que se diferenciam entre si (Sacristán, 2013). A invenção do currículo fabricou a escola da modernidade, criando novos padrões de vida que romperam com os sentidos dados anteriormente ao espaço e ao tempo. A partir do currículo, instauraram-se novas práticas cotidianas, redistribuindo e rearticulando espaços e tempos escolares.

A menção a rotinas e ritmos que deviam ser seguidos na escola esteve orientada nos preceitos de Comenius, pois, segundo o autor, “o tempo deve ser bem distribuído para que, a cada ano, mês, dia, hora, seja atribuída uma tarefa particular” (Comenius, 1997, p. 56). Essa racionalização da educação ganhou força com o pensamento de John Franklin Bobbitt, que, em *The Curriculum* (1919), propôs uma visão inovadora para a educação, em que o currículo era visto como um processo de racionalização de resultados. Conforme destaca Silva (2005), Bobbitt defendia que a escola deveria funcionar de maneira similar a uma empresa, indústria ou comércio. Essa analogia tinha como objetivo principal tornar o sistema educacional mais previsível, permitindo que os resultados fossem medidos de forma precisa e garantindo que os objetivos estabelecidos previamente fossem alcançados.

Dentro dessa lógica, o currículo se concentrava em desenvolver no aluno as habilidades necessárias para que ele pudesse atuar de maneira eficiente em sua futura profissão. “O modelo de Bobbitt estava claramente voltado para a economia. Sua palavra-chave era ‘eficiência’. O sistema educacional deveria ser tão eficiente quanto qualquer outra empresa econômica” (Silva,

2005, p. 23). Para tanto, Bobbitt propôs para a escola o modelo de organização elaborado por Taylor, baseando-se nos princípios da administração científica proposta pelo próprio Taylor (Silva, 2005).

A partir da década de 1960, a visão positivista sobre o currículo foi contestada por movimentos socioculturais que trouxeram à tona a perspectiva crítica. Essa nova abordagem revelou o currículo como um instrumento ideológico, político e cultural que, muitas vezes, perpetuava a exclusão social dentro do ambiente escolar. Segundo Apple (2006), ser crítico vai além de identificar falhas; implica uma profunda compreensão das circunstâncias históricas e das relações de poder que moldam o contexto educacional. Paralelamente, o movimento liderado por Dewey impulsionou uma reforma curricular com o surgimento de ideias progressivistas. Conforme Gesser (2002), essa nova concepção, de cunho pragmático, passou a valorizar a participação ativa de professores e alunos no processo de elaboração do currículo. Tal mudança foi motivada pelo contexto da industrialização, que buscava adaptar a educação para atender a um público mais amplo.

Esse movimento de reestruturação se baseou na concepção de que o currículo não pode se apoiar em uma prescrição rígida, pois detém caráter político, pedagógico e prático. Nos Estados Unidos, Giroux e Apple foram influenciados pela teoria social criada na Europa e, também, pela pedagogia de Paulo Freire (Menezes; Santiago, 2014).

A Nova Sociologia da Educação (NSE), iniciada por Young na Inglaterra, nos primeiros anos da mencionada década, constituiu-se na primeira corrente sociológica voltada para a discussão do currículo. Os sociólogos da NSE, primeiramente, questionaram o caráter elitista da educação britânica, em termos éticos, econômicos e políticos, e orientaram suas pesquisas para a formulação de políticas governamentais, intencionando superar essa realidade (Menezes; Santiago, 2014, p. 47).

O evento que impulsionou o movimento de reconceptualização do currículo ocorreu na Universidade de Rochester, expressando a insatisfação com a concepção curricular técnico-linear, tendo em vista que novas ideias passaram a ser difundidas a partir da instituição das teorias sociais (Menezes; Santiago, 2014).

Diante das novas tecnologias e da ascensão da Inteligência Artificial, essa reconceptualização torna-se ainda mais urgente. A IA redefine as formas de trabalho e desafia os referenciais da identidade e da subjetividade humanas. Se antes o currículo técnico buscava eficiência e padronização, hoje ele precisa responder a demandas éticas, cognitivas e sociais mais complexas. O currículo da EP, portanto, deve ser pensado como um espaço de formação

integral, voltado não apenas ao domínio técnico, mas também à preservação da dimensão humana do trabalho, ao desenvolvimento de competências relacionais e à reflexão crítica sobre o papel do sujeito em meio às transformações tecnológicas.

Dessa forma, as discussões sobre o currículo evidenciam que ele nunca foi neutro, pois reflete as concepções de sociedade, trabalho e ser humano de cada época. No cenário atual, marcado pela ascensão da Inteligência Artificial, o desafio é repensar o currículo da EP para além do tecnicismo e da lógica produtivista. A automação exige que a formação humana recupere o sentido do trabalho como atividade criadora e social, promovendo criticidade, empatia e pensamento ético. Assim, o currículo deve articular dimensões cognitivas e psicossociais, reconhecendo que a subjetividade e as relações humanas são componentes essenciais da formação profissional na Era da IA.

Currículo, inteligência artificial e subjetividade na educação profissional

As transformações curriculares na Educação Profissional refletem, de maneira direta, as mudanças estruturais do mundo do trabalho e da própria subjetividade humana frente à Era Digital. A incorporação da Inteligência Artificial e de novas tecnologias redefine não apenas as competências técnicas exigidas dos profissionais, mas também os modos de pensar, sentir e agir, constituindo-se como um fenômeno sociocultural de ampla repercussão.

Nesse contexto, o currículo assume papel estratégico ao articular o domínio técnico com a formação ética, social e emocional dos sujeitos, considerando os desafios psicossociais decorrentes da automação e da reorganização das relações de trabalho. A Educação Profissional, inserida nesse cenário de rápidas transformações tecnológicas e sociais, enfrenta desafios complexos que exigem processos formativos mais integrados e críticos. A modernização e a efetividade desse campo passam pela incorporação de novas abordagens pedagógicas, incluindo a integração de tecnologias digitais, sistemas mais eficientes de gestão e avaliação, o desenvolvimento de competências em multilinguagens e o uso estratégico da Inteligência Artificial, compreendida não apenas como recurso técnico, mas como elemento que incide diretamente sobre as relações sociais, os modos de trabalho e a constituição da subjetividade dos sujeitos em formação.

A revolução digital exige atualização contínua das habilidades técnicas e cognitivas dos estudantes, de modo que possam atender às exigências do mercado de trabalho. Nesse contexto, Lopes e Souza (2019) defendem que a inclusão de tecnologias digitais no currículo da EP

transcendeu a esfera do que é meramente benéfico, tornando-se um requisito indispensável para preparar os futuros profissionais em um mundo cada vez mais tecnológico e interconectado.

A IA, definida por Russell e Norvig (2020) como a habilidade de sistemas computacionais de executar tarefas que tradicionalmente exigem inteligência humana — como reconhecimento de fala, tomada de decisões e tradução de idiomas —, surge como uma ferramenta robusta para superar os desafios da EP. Sua aplicação se manifesta na personalização do aprendizado, adaptando materiais e atividades ao ritmo e estilo de cada aluno. Adicionalmente, a IA aprimora a gestão e a avaliação educacional por meio da análise de grandes volumes de dados.

Além disso, a IA permite simular ambientes de trabalho realistas, o que possibilita aos estudantes desenvolver e aprimorar habilidades em contextos controlados e seguros (Silva; Carvalho; Souza, 2022). Essa funcionalidade eleva a confiança dos alunos e melhora seu desempenho em situações profissionais reais. A IA também apoia educadores, identificando dificuldades específicas e possibilitando intervenções mais assertivas e em tempo hábil.

A IA desempenha papel crucial na promoção da inclusão e acessibilidade na EP, uma vez que ferramentas como assistentes de voz e sistemas de reconhecimento de imagem permitem que alunos com deficiência participem integralmente das atividades de ensino. Mendes e Rocha (2018) destacam que “a IA pode ser uma forte aliada na criação de um ambiente educacional mais equitativo”, garantindo igualdade de oportunidades de aprendizado. A integração de multilinguagens no currículo profissional é fundamental para preparar os estudantes para o cenário global. Oliveira e Pereira (2021) afirmam que a proficiência em mais de um idioma amplia significativamente as oportunidades de emprego e a mobilidade internacional.

Conforme Cardoso e Reis (2020), a IA apresenta um duplo viés na formação profissional técnica: é simultaneamente uma ferramenta com grande potencial e um desafio. A IA pode modernizar o currículo e preparar os estudantes para as exigências do mercado atual. Sob a perspectiva da Psicologia Social Crítica, a integração tecnológica deve considerar não apenas a qualificação técnica, mas também as mediações sociais e subjetivas do trabalho (Lane; Codo, 1984). Reconhecimento, autonomia e sentimento de pertencimento são essenciais para que a formação técnica promova o desenvolvimento integral e coletivo do sujeito.

Lane e Codo (1984) ressaltam a necessidade de uma abordagem equilibrada, argumentando que a formação técnica não deve se restringir às habilidades instrumentais, mas também desenvolver competências éticas e colaborativas em ambientes de trabalho cada vez

mais automatizados. Cardoso e Reis (2020) destacam que a integração da IA no currículo deve ser planejada com cautela, garantindo que os alunos adquiram um conjunto completo de habilidades para o futuro.

Costa e Silva (2025) também destacam que a ética digital deve ser incorporada como eixo transversal nos currículos da Educação Profissional. Os autores argumentam que, diante da crescente automação dos processos formativos, é imprescindível que a formação técnica contemple dimensões éticas e humanas, capazes de orientar o uso responsável e crítico das tecnologias de IA no ambiente educacional.

As inteligências artificiais e as relações sociais

A análise da relação entre tecnologia e interação humana fundamenta-se na Psicologia Social, que investiga como vínculos, identidades e relações interpessoais são transformados por mudanças estruturais e tecnológicas (Guareschi, 2004). Essa perspectiva permite compreender os efeitos psicossociais da IA na Educação Profissional, especialmente no que se refere à construção de pertencimento e engajamento.

A inserção da IA na educação, embora prometa revolucionar o ensino com personalização e eficiência, levanta um questionamento fundamental: o que ocorre com os laços sociais e o senso de pertencimento quando a interação humana é minimizada? A ausência de contato presencial, facilitada pelo uso excessivo de plataformas digitais, pode comprometer o desenvolvimento de habilidades sociais e o engajamento acadêmico.

A educação é, por natureza, um processo social. A escola, além de espaço de aprendizado cognitivo, é também um ambiente crucial de socialização, no qual a interação entre colegas é vital para a construção do capital social (Bourdieu, 2012). Esse capital (a rede de relações e contatos que um indivíduo acumula) é tão importante quanto o cultural e o econômico, pois estrutura identidade, pertencimento e engajamento coletivo. Entretanto, a mediação tecnológica pode enfraquecê-lo, já que as interações virtuais não reproduzem a complexidade da comunicação humana, que envolve linguagem corporal, empatia e nuances emocionais. A falta de contato direto também impacta o sentimento de pertencimento.

Ryff (2014) destaca que o senso de pertencimento a uma comunidade é pilar da resiliência e da satisfação com a vida. A ausência de convívio espontâneo pode levar os estudantes a se sentirem isolados, mesmo quando conectados digitalmente. Essa solidão, muitas

vezes mascarada pela superficialidade das redes, compromete o bem-estar mental e a motivação para o aprendizado.

O engajamento discente não se limita à assimilação de conteúdo, estando intrinsecamente ligado ao senso de comunidade e apoio mútuo. A Teoria da Autodeterminação, de Ryan e Deci (2017), sugere que a motivação intrínseca depende de três necessidades psicológicas básicas: autonomia, competência e relacionamento. Quando a interação social é minimizada, a necessidade de relacionamento, a conexão com os outros, não é plenamente atendida.

Assim, embora a IA otimize a entrega de conteúdos e a execução de tarefas, não substitui a riqueza de um debate em sala de aula, a troca de ideias em grupo ou o apoio de colegas diante das dificuldades. O aprendizado tende a tornar-se individual e isolado, o que pode levar à desmotivação. O uso da IA, portanto, deve ser planejado com cautela: trata-se de ferramenta poderosa, mas incapaz de substituir a interação humana, essencial à formação integral. O desafio para educadores e gestores é equilibrar tecnologia e relações sociais, garantindo que os aspectos emocionais e sociais do aprendizado, fundamentais para a formação integral do indivíduo, não sejam comprometidos. A tecnologia deve ser um complemento, não um substituto, para o elo humano que sustenta a educação.

Considerações finais

A trajetória histórica do currículo, desde sua concepção como um plano de estudos rígido e linear (moldado pela visão de Comenius e pela eficiência da administração científica de Bobbitt) até a sua crítica contemporânea, demonstra uma evolução constante. A partir da década de 1960, movimentos socioculturais e a Nova Sociologia da Educação (NSE), influenciados por pensadores como Apple e Paulo Freire, desvelaram a natureza política e ideológica do currículo, rompendo com o modelo positivista e abrindo espaço para abordagens progressivistas.

Atualmente, com o avanço da Inteligência Artificial, a Educação Profissional enfrenta um novo e decisivo ponto de inflexão. O desafio central é capacitar os estudantes com habilidades que a IA não consegue replicar, como pensamento crítico, criatividade, empatia e colaboração. A IA emerge como ferramenta poderosa para personalização do aprendizado, simulação de ambientes de trabalho e promoção da acessibilidade, tornando-se, conforme Lopes e Souza (2019), um requisito indispensável para a formação de futuros profissionais.

No entanto, a integração da IA apresenta desafios significativos, sobretudo o dilema de equilibrar o avanço tecnológico com a preservação e nutrição das relações humanas. Embora a IA otimize a entrega de conteúdo e análise de desempenho, ela não substitui a interação social, fundamental para a construção do capital social e do sentimento de pertencimento. A ausência de contato presencial pode levar ao isolamento e à desmotivação, comprometendo o engajamento do estudante. A Teoria da Autodeterminação reforça que o senso de relacionamento é crucial para a motivação intrínseca, algo que a tecnologia, isoladamente, não pode suprir.

Em síntese, a verdadeira revolução no currículo da Educação Profissional não será ditada apenas pela tecnologia, mas pela forma como esta é utilizada. A IA deve ser compreendida como complemento, e não substituto do ensino. O currículo do futuro precisa ser planejado para desenvolver um conjunto integrado de habilidades que combine domínio técnico, inteligência socioemocional e capacidade de adaptação contínua. O desafio de educadores e gestores é equilibrar a aplicação tecnológica com a promoção da resiliência, da colaboração e da ética, garantindo uma formação completa e humana para as próximas gerações.

Nesse sentido, a Psicologia Social oferece contribuições essenciais para compreender como as tecnologias reconfiguram as relações humanas e o sentido de identidade coletiva. Ao articular o técnico e o humano, reafirma a centralidade do vínculo social e da cooperação para uma formação integral e emancipada (Lane; Codo, 1984; Guareschi, 2004). Assim, evidencia-se que a centralidade do humano no currículo constitui condição fundamental para uma Educação Profissional ética e emancipatória.

Referências

- APPLE, M. W. **Ideologia e currículo**. Trad. V. Figueira. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- CARDOSO, L.; REIS, F. Desafios e potencialidades da IA na formação profissional técnica. **Educação e Tecnologia**, v. 7, n. 1, p. 55-70, 2020.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- COMENIUS, J. **Didática magna**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- COSTA, L. S.; SILVA, L. L. S. Ética e uso de inteligência artificial na educação profissional técnica de nível médio no Brasil. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, [S. l.], v. 3, n.

25, p. e17800, 2025. DOI: 10.15628/rbept.2025.17800. Disponível em:
<https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/article/view/17800>. Acesso em: 28 out. 2025.

COSTA, L. S.; SILVA, L. L. S.; SANTOS, P. C.; SARAIVA, A. K. de M. Educação e inteligência artificial generativa: reflexões críticas e propositivas. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 330-354, ago./dez. 2024.

GESSER, V. A evolução histórica do currículo: dos primórdios à atualidade. **Contrapontos**, Itajaí, ano 2, n. 4, p. 69–81, jan./abr. 2002.

GUARESCHI, P. A. (org.). **Psicologia social**: teoria e prática. Petrópolis: Vozes, 2004.

HARARI, Y. N. **21 lições para o século 21**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

LANE, S. T. M.; CODO, W. (orgs.). **Psicologia social**: o homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 1984.

LOPES, P.; SOUZA, R.. Tecnologias digitais no currículo da educação profissional. **Revista de Educação Tecnológica**, v. 11, n. 4, p. 22-35, 2019.

MENDES, F.; ROCHA, S. Inclusão e acessibilidade na educação profissional através da IA. **Revista de Inclusão Digital**, v. 8, n. 1, p. 33-47, 2018.

MENEZES, M. G.; SANTIAGO, M. E. Contribuição do pensamento de Paulo Freire para o paradigma curricular crítico-emancipatório. **Pro-Posições**, v. 25, n. 3, p. 45-62, set./de, 2014.

MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 9-29.

OLIVEIRA, A.; PEREIRA, D. A importância das multilinguagens na educação profissional. **Educação e Globalização**, v. 5, n. 3, p. 78-92, 2021.

RUSSELL, S.; NORVIG, P. **Artificial intelligence**: a modern approach. 4. ed. Hoboken, NJ: Pearson Education, 2020.

RYAN, R. M.; DECI, E. L. **Self-determination theory**: basic psychological needs in motivation, development, and wellness. New York: Guilford Press, 2017.

RYFF, C. D. Psychological well-being revisited: advances in the science and practice of eudaimonia. **Psychotherapy and Psychosomatics**, v. 83, n. 1, p. 10-28, 2014.

SACRISTÁN, J. G. **Saberes e incertezas sobre o currículo**. Porto Alegre: Penso, 2013.

SILVA, J.; CARVALHO, P.; SOUZA, M. Simulações de ambientes de trabalho com IA na educação profissional. **Revista de Tecnologia Educacional**, v. 16, n. 2, p. 122-138, 2022.

SILVA, T. T. da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo, Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

ZUBOFF, S. **A era do capitalismo de vigilância**: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

Sobre o autor e as autoras

José Elinaldo Silva Santos: Pós-graduando lato sensu em Ensino pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte; especialista em Neuropsicologia Clínica pela Universidade Potiguar, em Terapia Cognitivo-Comportamental pela FAVENI e em Psicologia Clínica e Psicoterapia Infantil pela Universidade Potiguar; Graduado em Psicologia pela Universidade Potiguar e em Formação Pedagógica em Filosofia pelo Centro Universitário UniFatecie. Possui experiência nas áreas de Psicologia Social, com atuação no Sistema Único de Assistência Social (SUAS), Psicologia Clínica (com ênfase em Terapia Cognitivo-Comportamental e avaliações neuropsicológicas) e Docência. Suas pesquisas concentram-se nos campos da Educação Profissional, Psicologia da Educação e Assistência Social.

E-mail: elinaldopsicologo@gmail.com

Lara Bernardino da Silva: Mestranda em Educação Profissional pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional (PPGEP) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN); graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Possui experiência nas áreas de Educação Profissional, Psicologia da Educação e Psicologia Clínica, com pesquisas voltadas à Educação Profissional, formação de professores, Psicologia da Educação e Psicologia Social.

E-mail: lara.bernardino2013@gmail.com

Andreza Maria Batista do Nascimento Tavares: Pós-Doutora pela Universidade do Minho (Portugal) e pela Universidade Federal do Piauí (Brasil); Doutora e Mestre em Ciências da Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte; pós-graduada em Psicopedagogia Clínica pela mesma instituição; graduada em Pedagogia e em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. É professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. Possui experiência nas áreas de Formação de Professores, Educação Profissional, Ensino Superior, Processos Cognitivos, Educação Escolar e Não Escolar e Educomunicação, com pesquisas voltadas à Formação Docente, às Teorias da Aprendizagem e da Comunicação e às práticas educativas no contexto da Educação Profissional e Tecnológica.

E-mail: andreza.tavares@ifrn.edu.br

Recebido em: 29 de outubro de 2025

Aprovado em: 07 de janeiro de 2026